

# Supervisão de Estágio no Hospital de Ensino Público: tensão entre saberes e temporalidades

*Training supervision at the Public Teaching Hospital: tension between knowledge and temporalities*

*Supervisión de Prácticas en el Hospital de Enseñanza pública: tensión entre saberes y temporalidades*

Edna Maria Goulart Joazeiro<sup>1</sup>

## RESUMO

O Hospital de Ensino, como as demais áreas do campo da saúde, é um espaço social complexo, saturado de normas, saberes, tecnologia, relações de poder e de constante contato com o “objeto” vida/morte. Nele, a luta pela defesa da vida está em tensão permanente com a heterogeneidade da estrutura epidemiológica, com a ampliação da demanda e com o agravamento das múltiplas expressões da questão social que marcam a vida na sociedade moderna. Nesse meio, a formação para o trabalho das diversas profissões é marcada pelo encontro/confronto com diversas lógicas, saberes e temporalidades. O artigo analisa o encontro entre experiência e conhecimento que se realiza na atividade do supervisor de campo de estudantes-estagiários durante o estágio supervisionado em Serviço Social no hospital de ensino público. Enfatiza que,

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, docente da Faculdade de Serviço Social da PUC Campinas e Supervisora Titular do Programa de Aprimoramento Profissional Serviço Social, Saúde e Violência FCM/Hospital de Clínicas/ UNICAMP/ FUNDAP, Campinas-SP, Brasil.

como nas demais profissões da saúde, o supervisor de estágio enfrenta o desafio de fazer da atividade de trabalho o locus onde ensina a cuidar da vida do outro. Utilizando as ferramentas conceituais da Ergologia - ECRP, corpo-si, dramáticas do uso de si - coloca em discussão a concepção vigente do estágio como “campo de treinamento” por julgá-la herdeira de outra lógica, a do trabalho como execução. Explicita a relação de interdependência e de indissociabilidade entre os conhecimentos da disciplina epistêmica (polo 1), da disciplina ergológica (polo 2) e a tensão permanente entre os valores sem-dimensão e os dimensionáveis (polo 3). Aponta que na atividade de supervisão, os saberes de natureza híbrida são tensionados por diversas temporalidades que circulam nesse ECRP.

Palavras-chave: Ensino, Hospital de Ensino, Saúde Pública

## ABSTRACT

The Public Teaching Hospital as well as the others locations dealing with health, is a social area, complex, steeped in patterns, knowledge, technology, relationship of power

and continuous proximity to the “object” life/death. There, the struggle for life is in permanent tension with the heterogeneity of the epidemiological structure, with the enlargement of the requests and with the aggravation of the multiple expressions of social questions which make their mark on modern society life. In that social atmosphere, the professional training process is marked by the encounter/confrontation with the various sciences of reasoning, knowledges and temporalities. This article analyses the encounter between experience and knowledge which takes place at the activity of field training-students supervisor during the social work supervised training at the public teaching hospital. It emphasizes that, similar to others professions connected to health, the training supervisor faces the challenge of making, from the working activity, the locus where it teaches how to take care of others’ life. By using the conceptual Ergology tools – ECRP, corpo-si, dramatic of the use of oneself – it puts under discussion the already established conception of training as “field of training” in view of judging it as the heiress of another logic, the one of the work as an act of execution. It explains the interdependence and indissociability relationship among the epistemic discipline (pole 1), ergological discipline (pole 2) and the permanent tension between the values without dimension and the one dimensional (pole 3). It shows that the supervision activity, the hybrid nature knowledge are tensioned by several temporalities which circulate in that ECRP.

Keywords: Teaching, Public Learning Hospital, Public Health

## RESUMEN

El Hospital de Enseñanza, como las demás áreas del campo de la salud, es un espacio social complejo, saturado de normas, saberes, tecnologías, relaciones de poder y de constante contacto con el “objeto” vida/muerte. En él, la lucha por la defensa de la vida está en tensión permanente con la heterogeneidad de la estructura epidemiológica, con la ampliación de la demanda y con el agravamiento de las múltiples expresiones de la cuestión social que marcan la vida en la sociedad moderna. En ese medio, la formación para el trabajo de las diferentes profesiones es marcada por el encuentro/confrontación con diferentes lógicas, saberes y temporalidades. El artículo analiza el encuentro entre experiencia y conocimiento que se realiza en la actividad del supervisor de campo de estudiantes-practicantes en las prácticas supervisadas en Servicio Social en el hospital de enseñanza pública. Enfatiza que, como en las demás profesiones relacionadas a la salud, el supervisor de prácticas enfrenta el desafío de hacer de la actividad de trabajo el locus donde enseña a cuidar de la vida del otro. Utilizando las herramientas conceptuales de la Ergología - ECRP, corpo-si, dramáticas del uso de sí mismo - coloca en discusión la concepción vigente de la práctica como “campo de entrenamiento” por juzgarla heredera de otra lógica, la del trabajo como ejecución. Explicita la relación de interdependencia y de indisociabilidad entre los conocimientos de la disciplina epistémica (polo 1), de la disciplina ergológica (polo 2) y la tensión permanente entre los valores sin dimensión y los dimensionables (polo 3). Señala que en la actividad de supervisión, los saberes de naturaleza híbrida son tensionados por diversas

temporalidades que circulam em esa ECRP.

Palavras chave: Enseñanza, Hospitales Escuela, Salud Pública

## INTRODUÇÃO

O campo da saúde, como afirma Minayo<sup>1</sup>, é uma realidade complexa e essencialmente multidisciplinar. No espaço do hospital, a intervenção requer que múltiplos saberes sejam colocados em movimento uma vez que o objetivo principal desse meio é cuidar da vida em situação de risco. Propomo-nos aqui a refletir sobre as especificidades da formação que se realiza nesse espaço de trabalho, de assistência à população usuária e de formação. Nele, a formação, se materializa imersa na teia da relação assistencial. A atividade de trabalho no setor de serviços, especificamente na área da saúde, traz em si a marca desses múltiplos desafios que consiste em materializar o cuidado em presença e em tensão, com o que está prescrito nas múltiplas normas antecedentes criadas neste meio<sup>2</sup> humano e tecnológico, que constitui a área de cuidado à saúde.

A natureza dos saberes híbridos presentes nesse campo de conhecimento requer que se supere a leitura da saúde marcada pela prevalência do biológico, e pressupõe a coragem de enfrentar o desafio de consolidar uma formação que saiba dialogar com outros e novos pontos de vista. O efeito dessa mudança de perspectiva, permitirá ampliar a análise do próprio campo de conhecimento, ao mesmo tempo que tornará possível formar profissionais capazes de tecer relações de trabalho coletivo com qualidade sinérgica, pré-requisito indispensável para identificar as reservas de alternativas presentes nesse meio

de trabalho que é, ao mesmo tempo, campo de saber, espaço de poder e lugar de defesa da vida.

Neste artigo analisamos a natureza dos saberes presentes no espaço da supervisão de estudantes-estagiários em um meio particular, o hospital de ensino público, espaço saturado de normas, saberes, tecnologia, relações de poder e de constante contato com o “objeto” vida/morte<sup>3,4</sup>. O estudo se baseia em nossa tese de doutorado [2] que teve como objeto de pesquisa a atividade de trabalho do supervisor de estudantes-estagiários no campo de estágio de Serviço Social em hospital de ensino público. Nela, analisou-se a atividade de trabalho do supervisor buscando compreender a relação e, aí, por conseguinte, a articulação entre os saberes disciplinares da profissão, da saúde e os saberes gerados na atividade do e no hospital de ensino público. Os sujeitos da pesquisa foram supervisores de estágio das quatro áreas do Hospital de Clínicas da UNICAMP, no período de 1994 a 2003, que supervisionaram estudantes-estagiários de Serviço Social. Seus depoimentos constituíram-se em fonte empírica principal e o diário de supervisão, em fonte de informação específica. Privilegiou-se a palavra pela qual os depoimentos tornaram-se testemunhos e o aporte teórico da Ergologia para analisar essa atividade de trabalho, o uso de si por si mesmo e, no mesmo ato, o uso de si por outrem, além de analisar a relação e a articulação entre saberes e temporalidades. Essa relação e articulação foram apreendidas nesse meio específico - de cuidado à saúde e de formação - onde estão em tensão diversas temporalidades e valores. Aí foi demarcado o encontro entre experiência e conhecimento na

2 O projeto foi aprovado pelo CONCEP da Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP em 17/06/2003.

confluência entre a realização das atividades de supervisão e a realização das atividades de trabalho de estudantes-estagiários no campo de estágio.

Nesse sentido, o aporte ergológico permitiu retomar os conceitos de trabalho prescrito e trabalho real, desenvolvidos pela Ergonomia, para buscar compreender a complexidade real da atividade de trabalho.

A Ergologia estuda a atividade de trabalho como uma atividade no qual o “sujeito”, o corpo-si, que a realiza, faz, no mesmo ato, o uso de si por si mesmo e o uso de si por outrem<sup>5,6</sup>. Schwartz<sup>6</sup> afirma que a Ergologia evoca um espaço conceitual entre o trabalho, a atividade, a vida, nas continuidades e nas distinções que os amarram e os opõem, posto que a atividade é uma matriz permanente de convocação ao saber e, simultaneamente, de desconforto intelectual, desconforto que se dá numa relação direta com essa característica da atividade humana de requerer o conceito para compreender-se ela própria como potencial contínuo de [re]configuração do mundo humano e de seus saberes. Esse encontro/confronto diuturno com a variabilidade do meio e com a diversidade de saberes e linguagens coloca o “sujeito”, o protagonista da atividade diante da insuficiência do seu próprio saber. Nessa perspectiva, refletir sobre a formação ancorada na Ergologia pressupõe se instalar no ‘ergológico’, ou seja,

dirigir-se a uma espécie de círculo vicioso [...] entre a necessidade de procurarem-se os conceitos para aproximar deste ‘contínuo descontínuo’ e constatar que a atividade, no coração deste contínuo, é tal que por natureza [re]interroga e desestabiliza os conceitos que procuram circunscrevê-la<sup>6</sup>.

No estudo é proposto o desafio de pensar o trabalho e a formação sob o princípio da indissociabilidade entre estágio, supervisão acadêmica e profissional, por tratar-se de questão fundamental a ser enfrentada num mundo onde se continua a pensar atividade e formação como faces opostas de uma mesma moeda, ou seja: como se não fossem interdependentes e não se interpenetrassem. Esse modo de ver a atividade de supervisão impõe sérios limites para a compreensão das múltiplas facetas presentes na sua realização. Propõe-se com o uso das categorias da Ergologia e da proposta do e no encontro com os sujeitos supervisores, empreender uma análise fundada no rigor filosófico, epistemológico, pedagógico e axiológico com vista a compreender os saberes gerados e utilizados na supervisão. O não entendimento da relação de indissociabilidade e de interdependência de saberes tem levado ao subdimensionamento na análise do trabalho do supervisor.

Nessa perspectiva tem-se ignorado que a atividade é a conjugação de saberes disciplinares que se materializam na confluência da vivência de uma relação interdependente, cuja realização se constitui sempre no desafio de gerir as dificuldades e as diversidades presentes na vida, na norma, na disciplina epistêmica<sup>7-9</sup> e nos valores que permeiam a profissão, a sociedade e a vida. Esse subdimensionamento do valor da atividade de trabalho é herdeiro de outra lógica, a do trabalho como execução<sup>5</sup>.<sup>7-9</sup>. Temos assinalado, apoiadas em Rosa<sup>9</sup>, que a visão da atividade de trabalho sob a égide da concepção do trabalho como execução se ancora na dimensão de média da norma que torna o trabalho “‘objeto’ racionalizável,

circunscrito, delimitado”<sup>9</sup> fazendo com que este permaneça na penumbra<sup>10</sup>, revestindo-se de uma opacidade que não permite vislumbrar os ajustes, as gestões, os saberes que portam os protagonistas da atividade e os que nela são construídos, bem como o compromisso com a educação e formação nela presentes. Isso, segundo Rosa, ocorre pelo fato de que, sob essa visão do trabalho como execução da norma antecedente, a norma fica submetida à noção de média, “sobressaindo o seu papel de sanção homogeneizadora ou de padronização, quer dos homens quer dos acontecimentos, negando-se ‘a prioridade ao tempo criador da norma’”<sup>9</sup>.

É importante esclarecer o porquê de um pesquisador do campo da Educação e do Serviço Social se interessar por compreender a atividade de supervisão no hospital de ensino. Afirmamos, parafraseando Canguilhem<sup>11</sup>, que não é, necessariamente, para conhecer melhor a supervisão no Serviço Social na saúde, nem, necessariamente, para praticar essa atividade. Esperou-se como resultado do estudo da supervisão, uma introdução a problemas humanos concretos de uma das atividades do Serviço Social. A supervisão parecia, e parece ainda, uma atividade marcada tanto pela técnica como pela arte que está situada na confluência de vários saberes disciplinares tanto do *corpus* conceitual do Serviço Social como de outras disciplinas, pois trata-se de um saber que não pode ser inteiramente reduzido ao simples conhecimento<sup>11</sup>. Ancorada por esse espírito, buscou-se compreender e analisar a atividade do trabalho real de supervisionar estudantes-estagiários e a natureza dos saberes que ela porta e que constrói no cotidiano de trabalho no hospital de ensino. Nesse contexto,

compreender assume o sentido proposto por Canguilhem, compreender é ultrapassar<sup>12</sup> o modo atual de pensar essa atividade humana de trabalho.

### **Saberes da e na supervisão de estágio: tensão entre assistência e formação**

O estudo utiliza os conceitos e categorias da abordagem ergológica – corpo-si, dramáticas de uso de si<sup>5, 6</sup>, distância entre trabalho prescrito e trabalho real<sup>13</sup>, os seis ingredientes da competência humana industriosa<sup>14</sup> proposto por Schwartz, além do conceito de temporalidade do *kairós*<sup>7-9, 15</sup> – o instante, o aqui e agora – o tempo da oportunidade, indispensável para pensar a tomada de decisão na intervenção. Trédé afirma que o *kairós*

[...] aparece então como o ponto de junção dialético de duas durações: a longa maturação do passado e o aparecimento da crise que exige rapidez, a acuidade de um golpe de vista voltado para o futuro [...] Porque o *kairós* é fugidivo, imprevisível, irreversível<sup>15</sup>.

Considerou-se, além dessa concepção e, a ela relacionadas, o dispositivo de três polos<sup>16</sup> pois ele permite pensar as atividades concretas do trabalho, tendo em vista a ideia de que no trabalho se dá a criação de novas normas na atividade. Esse dispositivo se constitui ferramenta fundamental para pensar as atividades concretas do mundo do trabalho, pois ele considera que no polo 1, estão relacionados os saberes disciplinares que, conforme assinala Schwartz<sup>14</sup>, não podem de forma alguma serem anulados; esse polo é sempre acompanhado de uma incultura

relativa a tudo que a atividade recria de saberes, de valores, de histórias particulares de que os trabalhadores são portadores. No polo 2, situam-se os saberes que são constituídos a partir do que o autor denomina forças de convocação e de reconvocação, que são os saberes gerados nas atividades que se constituem saberes específicos que transformam continuamente a situação concreta de trabalho; são saberes que estão ancorados nas histórias e situações concretas do e no trabalho e na vida. Na perspectiva ergológica, o encontro dos polos 1 e 2 dá-se, necessariamente, em presença de um terceiro polo que está ligado aos valores, à medida que se articula sobre uma filosofia da humanidade pautada numa maneira de ver o outro como seu semelhante, ou seja, “como alguém com quem vamos aprender algo sobre o que ele faz, como alguém de quem não pressupomos saber o que faz e por que faz, quais são seus valores e como eles têm sido ‘(re)tratados’”<sup>17</sup>.

### **Serviço Social, formação e inserção na Saúde**

No Brasil, o assistente social é um profissional de nível superior, cuja formação científica tem natureza teórico-crítica, ético-política e técnico-operativa constituindo-se uma profissão de caráter eminentemente interventivo. A supervisão instaurou-se no processo formativo no Serviço Social como decorrência da necessidade inerente ao processo de formação em uma profissão de natureza interventiva que, como já assinalamos, não pode ser inteiramente reduzida ao simples conhecimento. Ligado a esse aspecto, alia-se o fato de que tal obrigatoriedade do estágio decorre também da sua legitimidade tanto no

âmbito da profissão<sup>18-21</sup> quanto no da legislação brasileira<sup>22, 23</sup>. Esses fatores permitem ao supervisor de campo realizar sua atividade de trabalho de supervisão, atividade essa que tem no horizonte a formação e o compromisso no cuidado com a saúde. Nesse trabalho, enfrenta o desafio de realizar uma atividade que nasce da articulação dos saberes disciplinares da profissão, face aos saberes diversos de outros campos de conhecimento e dos saberes da experiência, na confluência entre o mundo do trabalho e o da educação.

O estágio supervisionado tem um estatuto legal no processo de formação do assistente social, tendo sido instituído desde 1936, época da criação do primeiro curso no Brasil. É ele norma acadêmica antecedente<sup>3, 4</sup>, obrigatória para a obtenção do diploma de graduação em Serviço Social. O estágio está vinculado à disciplina de Estágio Supervisionado realizada do quinto ao oitavo períodos do curso de Serviço Social. A prática do estágio, realizada concomitante ao curso, ocorre a partir da inserção do estudante no espaço sócio-institucional, tendo como objetivo capacitá-lo para o exercício do trabalho profissional, para o que, demanda a existência de supervisão sistemática, tanto na unidade de ensino quanto no campo de estágio.

Essa característica de extraterritorialidade do processo formativo no âmbito do Serviço Social esteve sempre presente, uma vez que a formação se deu desde o início, concomitantemente, no espaço da universidade e no campo de estágio. Nesta perspectiva, o ato de formar não está adstrito ao “lugar onde” se realiza estritamente o estágio. Ele se articula e se relaciona com diversos saberes que estão em processo, quer no âmbito da formação

na universidade, quer no próprio campo de estágio, quer na vida. Os registros desses dois lugares onde se realiza a formação, no caso a universidade e o campo de estágio, exigem que haja uma articulação entre ambos, pois, caso contrário, colocaremos o estudante-estagiário “em duas lógicas paralelas, entre [a do] trabalho e [a da] formação”<sup>8</sup>. Existe uma relação de interpenetração e de interdependência <sup>24</sup>, que se dá de forma inequívoca entre esses espaços.

Cumprido destacar que no currículo do curso de Serviço Social não consta disciplina concernente, especificamente, ao tema saúde, uma vez que ela não se constitui uma disciplina adstrita ao campo direto da profissão. De modo geral, o tema da política de saúde tende a ser trabalhado no curso, sob a perspectiva do entendimento das normas antecedentes da organização do sistema de saúde, da lógica que o constitui enquanto política pública e de suas interfaces com outras políticas sociais públicas ou não. Essa relação entre os “saberes específicos da saúde” e os da dinâmica das diversas políticas da esfera do social constitui um aspecto central presente na orientação do supervisor de campo, uma vez que esse aprendizado representa uma necessidade para o estudante em formação. Esse conhecimento da relação entre os campos do social e da saúde tem um valor indispensável no processo de atenção à população usuária, tanto da saúde quanto das demais políticas públicas.

É importante salientar que as intervenções no âmbito do social são marcadas por relações de interpenetração e de interdependência diversas, e que, enquanto expressões de relações sociais que se tecem na sociedade, como aponta Iamamoto, elas não são diretas [nem] transparentes, não se revelando de

imediatas<sup>25</sup>, mas requerem, para sua apreensão, o uso de categorias analíticas pertinentes. As categorias conceituais presentes na atividade de intervenção do assistente social não são passíveis de serem apreendidas por meio da simples observação. Nada no trabalho é simples ou evidente. Num golpe de vista não se permite apreender as escolhas, as categorias de análise, nem os saberes que as colocam em movimento. Os saberes que estão presentes na assistência são de natureza híbrida, pois nascem em diversos lugares. Eles advêm do campo da saúde, do conhecimento das terapêuticas, dos saberes relativos aos direitos do campo do social e os do campo da saúde disponíveis no território de moradia do usuário, bem como os saberes relativos às políticas públicas vigentes.

Martinelli<sup>26</sup> afirma que é imperioso reconhecer que o Serviço Social contemporâneo transita pelos meandros do público, do privado e do íntimo, uma vez que “as questões que nos são trazidas para enfrentamento estão relacionadas ao campo da intimidade, dos desejos, dos sentimentos, dos valores, com profundas implicações macrossociais”<sup>26</sup>.

Nessa medida, a atividade de trabalho no estágio visa a contribuir para que o estudante-estagiário do Serviço Social se aproprie, gradativamente, dos saberes do campo da saúde e faça uma articulação com os saberes do núcleo do Serviço Social, ou seja, o encontro concreto com as necessidades de saúde da população lhe pede, para correlacionar os saberes do *corpus* de conhecimento da profissão, que estão em processo de constituição, com os saberes oriundos dos campos específicos da Saúde. Assim, seja no espaço do curso, seja no espaço do campo de estágio, ou em sua vida pessoal, se requer que o estudante-

estagiário, no cotidiano, seja capaz de tecer uma relação entre os saberes, ao mesmo tempo que realiza um diálogo com os saberes e com as necessidades da população usuária. Essa dupla dimensão da relação entre e da relação com os saberes tem um caráter fundamental e indispensável no momento de fazer escolhas e de gerir a sua atividade real de trabalho no hospital, e por extensão, na saúde.

### **Hospital de Ensino: “novo meio”<sup>23</sup> e múltiplos saberes em movimento**

Nessa análise do trabalho do supervisor de estágio no Serviço Social no hospital de ensino recorreu-se ao uso do conceito da Ergologia, Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes – ECRP – para aludir às múltiplas dimensões relativamente pertinentes ao meio de trabalho e a sua íntima relação com as dinâmicas locais, regionais, relacionais, de patrimônio de saberes e de histórias, de uso de técnicas e de relações de poder presentes nesse meio, que está sempre se fazendo e jamais é tido a priori. Nessas ECRP, segundo Schwartz “se trabalha e se transmite pelas mais diversas vias: gestuais, ligadas à linguagem, codificadas, o resultado provisório dessas experiências, dessas dramáticas, desses debates de normas”<sup>8</sup>. Constitui-se como entidades coletivas plásticas onde há “impossibilidade quase geral de definir coletivos estáveis e circunscritos [...] com coletivos de geometria variável (no tempo e espaço), em superposição ou recobrimentos parciais”<sup>14</sup>; neles não se é possível identificar, continua Schwartz, “crisóis estáveis para essa enigmática ‘competência coletiva’”<sup>14</sup>. Nelas, os coletivos são previsíveis somente em tendência, estão sempre procurando, em parte, 3 Canguilhem denomina de novo meio em oposição ao meio natural.

se guiar nas dinâmicas das histórias locais. Sua organização dá-se de formas variadas onde existe sempre a instauração de uma dialética, de transmissão de heranças, de ajuda mútua que incide sobre a atividade profissional<sup>14</sup> e sobre o exercício da competência humana industriosa nesse meio de trabalho e de formação.

Essas entidades coletivas são marcadas por uma complexa organização que se funda sobre os saberes e práticas da saúde ancorada nos conhecimentos da disciplina científica. No campo da saúde há o predomínio do saber e do poder da disciplina médica aliados aos diversos saberes desse campo, tanto do âmbito do conhecimento das doenças, o conhecimento da nosologia, quanto das terapêuticas e de seus usos. Como destaca Canguilhem “o medicamento tem como finalidade trazer as propriedades de volta a seu tipo natural [...] Nada, nas ciências físicas, corresponde ao que é a terapêutica nas ciências fisiológicas”<sup>27</sup>.

Essas ECRP são fortemente marcadas pela temporalidade do vital, pois realiza o cuidado com a vida humana em situação de risco. Importante destacar que a temporalidade do cuidado com a vida, nas profissões que têm na Biologia, na Fisiologia e na terapêutica seu fundamento volta-se às questões particulares na relação com o doente, com o risco de vida e com a terapêutica a ser proposta e a ser seguida. Nele estão presentes e se articulam inúmeras modalidades de saberes científicos, tecnológicos, de relações sociais, de poder e de políticas públicas, bem como, estão presentes diversos níveis de carências e variadas condições de acesso material à possibilidade de cuidar de si.

Nesse meio, está presente uma tensão

permanente entre a temporalidade do relógio, a ergológica e a vital. A supervisão se ancora, de um lado, sobre o caráter da demanda “proposta pelo meio” – financiada pela racionalidade mercantil capitalista, ancorada no tempo do relógio – e de outro, na sua relação direta com a necessidade singular do estudante-estagiário, apoiada no seu patrimônio de saberes em processo de constituição. Sob essa perspectiva, o encontro entre supervisor e estudante-estagiário pressupõe sempre a presença de uma tensão de temporalidades na realização da atividade de trabalho.

Esse espaço é marcado pela convivência diária do que temos denominado “objeto” vida/morte e pela relação direta com as múltiplas expressões da questão social. Na área da saúde torna-se difícil delimitar as fronteiras entre os campos, “questão social” e agravos à saúde, uma vez que há uma estreita relação de interdependência e de interpenetração entre ambos. As múltiplas relações entre esses campos têm uma presença contínua e marcante nesse espaço de cuidado com a vida.

A doença não se situa num “sujeito” que paira sobre a sociedade, pelo contrário, ela atinge homens e mulheres concretos, que vivem em situações históricas reais, cuja condição de estar sob cuidados de profissionais da saúde no espaço do hospital consiste sempre numa situação transitória. O principal objetivo partilhado pelas diversas profissões que compõem as equipes de cuidado consiste em restabelecer a condição de saúde e de vida do doente e contribuir para a sua volta ao seio da família, ao mundo do trabalho, enfim, a sua vida.

É nesse contexto que se materializa a

atividade de trabalho do supervisor de estágio e a do estudante-estagiário. Essas atividades se realizam imersas na teia de relações do trabalho coletivo na saúde e que tem como horizonte a busca da realização de um trabalho sinérgico com o usuário e com suas famílias. Para tanto, é requerido do protagonista da atividade, seja o supervisor ou o estudante-estagiário, que as fronteiras que separam os saberes de natureza diversa presentes nesse meio de cuidado e de intervenção na vida dos outros, sejam ora demarcadas ora borradas.

Na perspectiva do olhar do assistente social há uma tendência a intervir nos inúmeros aspectos que surgem das situações de adoecimento, articuladas ou não às múltiplas expressões da “questão social”. Cuidar da vida do outro, em presença de intensas limitações, pressupõe muito mais do que o compromisso de arcar com os custos do tratamento; requer também uma convocação da família para dispor-se a mudar a “si própria” em prol de outrem, o doente. Essa mudança pressupõe e exige um profundo respeito à vida do outro, além da inequívoca disponibilidade de aprender a realizar cuidados para os quais não dispõe de conhecimentos a priori.

A atividade do supervisor de estágio no hospital de ensino, como espaço de formação e de assistência à população está submetida à tensão permanente entre o mundo da educação e o do trabalho. O supervisor, nessa travessia, necessita fazer escolhas e intenta ensinar o estudante-estagiário a realizar a própria atividade de intervenção que não se dá como um exercício indiferente à vida, mas, pelo contrário, sua experiência concreta dá-se numa relação de interdependência e de interpenetração na dinâmica da vida dos

outros. Na atividade de intervir na vida dos outros está presente o desafio de estabelecer microgestões necessárias à viabilização do cuidado e fazê-lo bem feito, o que significa realizar os atendimentos pautados nos valores sem dimensão da vida e do bem comum.

Nessa perspectiva, referir-se à atividade de trabalho real do supervisor de estágio é aludir ao “próprio ofício”<sup>4, 6</sup> do assistente social supervisor que tem no horizonte a busca da realização do bem comum, mas busca fazê-lo sem perder de vista que o “bem comum não é jamais um dado, mas uma travessia, a que se atribuem escalas, mas sem jamais atingir um destino final”<sup>6</sup>.

Como espaço de formação, a atividade de trabalho do supervisor de estudantes-estagiários se defronta cotidianamente com a difícil demanda de fazer parte do processo de assistência à saúde do doente - porém de modo diferenciado - pois sua intervenção lhe impõe apresentar outras perspectivas de entendimento do problema do doente e requer vislumbrar possibilidades de intervenção. Contudo, espera-se que o supervisor evite fazer uso do direito de agir no lugar do estudante-estagiário. Requer, antes de tudo, um respeito ao processo de formação e de crescimento profissional de outrem: o estudante em formação.

Esse exercício exige do supervisor que seja capaz de “decifrar”<sup>3, 4, 8, 15</sup> o momento oportuno, uma vez que na constância da realização da atividade de trabalho – tanto a assistencial quanto a de ensino – se defronta sempre com bifurcações que exigem, do protagonista da atividade, fazer um [re]tratamento da norma antecedente, que se constitui em verdadeiros desafios para os quais

não dispõe de “‘escala absoluta’ para guiá-lo”<sup>28</sup>. Nessa perspectiva, como afirma Freire, é preciso “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”<sup>29</sup>.

### **Atividade de supervisão e o uso da palavra**

O ato do transmitir humano<sup>8</sup> é fundamental no processo da supervisão, mas ele comporta uma verdadeira dificuldade para o supervisor à medida que essa atividade requer gerir os saberes ergológicos oriundos da própria atividade concreta de trabalho, que são ameadados na profissão, isto é, no exercício da profissão, na situação real de trabalho, quanto pressupõe também a necessidade de gerir os saberes epistêmicos específicos à sua formação os quais são [re]questionados pelos saberes ergológicos nesse exercício, na atividade concreta de trabalho. Uma dupla gestão aqui tem lugar, a qual explicita a [re]convocação de ambos os saberes, um interpenetrando no outro, na transmissão da orientação ao estudante-estagiário.

Um supervisor, sujeito da pesquisa, ao tentar expressar a sua dificuldade na realização da supervisão, permitiu que sobressaísse outro aspecto importante: o uso da linguagem. A atividade de supervisão requer usos diferentes da linguagem na atividade de assistência direta aos usuários do hospital e na atividade de supervisionar estudantes-estagiários. A palavra se constitui uma ferramenta, indispensável no espaço de trabalho do hospital, posto que o “ofício” do assistente social tem uma importante dimensão relacional na qual a atividade de linguagem empreende uma aproximação do outro. Como

afirma Freire <sup>29</sup>, para que haja diálogo é preciso ser capaz de “falar com” ao invés de “falar aos outros, de cima para baixo”. Essa preocupação de a atividade de linguagem ser utilizada como instrumento de aproximação e não de distanciamento do usuário, evidencia o uso particular da palavra como ponte entre “sujeitos”.

Diferentemente dessa aproximação pelo uso da linguagem empreendida pelo supervisor no atendimento à população usuária, a atividade de supervisionar requer, por parte de quem supervisiona, que guarde uma distância do processo de assistência direta ao usuário. Isso lhe exige que tenha como foco a preocupação em contribuir no processo de constituição de um ponto de vista do estudante-estagiário, fundado tanto nas particularidades do *corpus* de saberes da profissão, nas normas, assim como e sobretudo, na própria experiência no trabalho de supervisão e na realização da assistência a usuários e famílias. O supervisor utilizará, para empreender esse percurso, acima de tudo da sua palavra <sup>(4)</sup>, ou seja, da atividade de linguagem ancorada no *corpus* de saberes da profissão, da saúde, da política pública bem como dos saberes ergológicos, aqueles nascidos dos diversos saberes amalhados no decorrer da sua experiência no trabalho de atender usuários, famílias e os nascidos na atividade de supervisão.

A atividade de linguagem, na supervisão de estudantes-estagiários, intenta criar pontes para que o supervisor possa pensar “sobre” os problemas trazidos pelo estudante-estagiário e, em outros momentos, requer encetar diálogo “com o” estudante-estagiário à medida que

---

4 Para essa análise, inspiramo-nos em Rosa MI, 2004, nota p. 152.

isso contribua para que ambos constituam seus próprios “pontos de vista” sobre a situação em questão. Este movimento entre o “falar sobre” o[s] problema[s] do[s] usuário[s] ou do hospital e o “falar com” o estudante-estagiário se mescla com os momentos em que a situação requer que “fale ao” estudante-estagiário de um modo mais técnico, ancorado em normas diversas, discutindo diversas concepções de trabalho e de assistência, descortinando outros modos de pensar a atividade em processo de realização e as decisões e microdecisões das quais participará.

A articulação de saberes vai sendo tecida numa relação de interdependência e de interpenetração ancorada nos saberes decorrentes desses dois espaços sociais: a universidade e o campo de estágio. No espaço da universidade, centro do processo de formação, há a tendência de que se instaure o ensino de saberes que Schwartz denomina de saberes em situação de desaderência conceitual<sup>30</sup>, produzidos em situação de relativa distância das condições concretas de vida, marcados pelo *corpus* de saberes conceituais e ancorados em normas antecedentes diversas da profissão, nos seus instrumentos de conhecimento e de intervenção na realidade social, bem como dos conceitos do campo do social, da política pública do e no território<sup>31</sup>. A aderência, para a Ergologia, é um fenômeno local e temporal que está profundamente ligado à situação vivida no aqui e agora (*hic et nunc*).

A experiência requer sempre o ato de conceitualizar, segundo Schwartz a conceitualização é o momento da atividade propriamente científica, ou seja, é uma “atividade intelectual que torna possível todo julgamento, toda possibilidade de fazer retornar

todas as representações singulares num quadro geral que fornece propriedades regulares”<sup>32</sup>. Afirma Schwartz, que sem os conceitos, não seria possível sair do estritamente particular e, nenhuma linguagem, nenhuma comunicação seria possível<sup>32</sup>. Pois, conclui o autor, o conceito, ao contrário, permite antecipar as propriedades e operar sobre elas, e por aí permite testar, pelo desenvolvimento de dispositivos experimentais, o seu próprio valor como julgamento o que incita a agrupar de maneira coerente certos elementos da experiência. Ora, para formar um sujeito capaz de realizar a “atividade de intervir na vida dos outros”<sup>28, 33</sup> é indispensável que haja encontro do aprendiz com a realidade concreta, pois, como afirma Schwartz, a racionalidade científica na sua

[...] ambição de generalização própria da visão científica pode neutralizar ao máximo os aspectos singulares que se costuma atribuir a toda experiência. [...] Aí, a experiência tende a se reduzir a situações *standard*, codificadas parte a parte, e indiferentes a seus aspectos de historicidades <sup>32</sup>.

Nas atividades de trabalho no campo de estágio os saberes em situação de desaderência são [re]convocados para dar coerência “a leitura da realidade” e, para ancorar a intervenção num meio infiel <sup>2, 27</sup>, repleto de variabilidades. São também requisitados os saberes em situação de aderência, ou seja, aqueles marcados pela dimensão local e temporal que estão profundamente ligados à situação vivida no aqui e agora (*hic et nunc*). Essa dupla articulação de saberes permite realizar sínteses sempre provisórias, mas indispensáveis para realizar intervenções pertinentes, ao mesmo tempo que permitem uma visão abrangente entre o singular, o local e o geral. Nessa perspectiva, o

tratamento da variabilidade, inerente ao campo do social, implica sempre na necessidade de renormalização e de ressingularização das normas antecedentes indispensáveis para a intervenção do e no social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sistema de Saúde segundo P. Elias <sup>34</sup> é uma concepção, uma forma abstrata que “assemelha-se a um certo ‘tipo ideal’, dificilmente encontrável na realidade, sobretudo na do Brasil” <sup>34</sup>. Segundo ele, essa forma abstrata dos Sistemas de Saúde é muito mais um recurso intelectual para facilitar o debate do que propriamente uma estrutura a ser reconhecida no cotidiano do funcionamento dos serviços de assistência à saúde, pois ressalta que a “noção de sistema pressupõe a existência de partes não só articuladas entre si, mas principalmente que funcionem como estruturas organizadas” <sup>34</sup>. Segundo esse autor, a noção de sistema remete à necessidade de criar articulações, de tecer diálogos resolutivos entre as diversas partes que o compõem. Esse sistema, sob o aspecto de uma conceitualização pressupõe escolhas de lógicas que irão nortear a macro e a micro intervenção em saúde <sup>34, 35</sup>.

Ora, a proposta de sistema de saúde precisa estar em consonância com uma realidade que é multifacetada, que está em contínuo movimento e é interpenetrada por diversas políticas públicas e atravessada pelo movimento da sociedade moderna.

Merhy <sup>36</sup> propõe um recorte de análise do campo da saúde que permite uma aproximação do conceito de cuidado. Ele afirma que falar de campo da saúde significa referir-se ao “lugar da construção de intervenções tecnológicas

cuja alma, cujo sentido, é a produção do cuidado em saúde”<sup>36</sup>. Nessa perspectiva, o “cuidado” tenta responder ao que “socialmente se constitui e se denomina mundo das necessidades de saúde dos indivíduos e dos coletivos”<sup>36</sup>. Segundo esse autor, essas práticas são produzidas e reconhecidas num dado momento pela sociedade, como portadoras de capacidades tecnológicas para responder às necessidades de saúde e seu complexo mundo. A concepção de sistema de saúde e a de intervenções tecnológicas em saúde são faces de um mesmo problema e ambas podem trazer em seu bojo propostas de enfrentamento das necessidades de saúde. Contudo, esses dois campos conceituais e interventivos não podem estar desconectados entre si, precisam ser alimentados reciprocamente se quiserem, de fato, produzir mudanças no âmbito da saúde pública. Do mesmo modo, se a formação não for compreendida como um aspecto indispensável nesse processo de enfrentamento das necessidades em saúde, com certeza fragilizar-se-á e impedirá que outros e novos horizontes se abram em defesa da vida.

Se nós julgamos que há hoje necessidade de grandes transformações no âmbito da política pública e, especificamente, na saúde pública, por que nos propusemos aqui a tecer um “olhar com a lupa” para a supervisão em uma profissão? Porque, como M. de Montmollin, defendemos que “olhar de perto permite ver mais longe”<sup>13</sup>.

No estudo, intentamos explicitar que a intervenção do assistente social supervisor dá-se sempre num contexto histórico particular, que remete às formas específicas e históricas de lidar e de fazer as microgestões indispensáveis no trato das múltiplas expressões da “questão

social”. O interior desse campo profissional tem sido marcado por uma tensão constitutiva, entre a busca de consolidar um percurso de defesa da cidadania, ao mesmo tempo que sofre as injunções da sociedade capitalista onde prevalecem os valores da racionalidade mercantil, do tempo do relógio, da “norma apreendida e subordinada à noção de média”<sup>9</sup>. Nessa perspectiva, a lógica de aspiração da profissão se opõe a outra racionalidade, a da racionalidade mercantil capitalista onde as normas econômicas “costumam pretender-se, de modo abusivo, [como] um ponto de chegada universalizante”<sup>7</sup>.

O testemunho das supervisoras de estágio no hospital de ensino público tornou possível explicitar como os saberes do *corpus* de conhecimento da profissão e os demais saberes desse campo de atividade, sejam os da saúde, sejam os do direito de cidadania, estão presentes, são indissociáveis e se interpenetram na trama cotidiana da atividade de trabalho do assistente social – supervisor ou não. A intervenção no âmbito da profissão não para de se diferenciar porque se ancora sobre múltiplos aspectos que marcam a vida social, exigindo que o profissional empreenda uma relação contínua com as dinâmicas ressingularizantes dessas racionalidades da e na intervenção. Sua intervenção se funda em escolhas que são marcadas, quer pelo compromisso com o dever da profissão, quer com a consolidação das políticas públicas nas quais se insere. Esse campo de saber “não para de gerar configurações críticas sempre diferentes”<sup>7</sup> na tênue e contínua relação com um meio humano e histórico que se dá numa íntima relação com a busca do fortalecimento do campo dos direitos sociais e o da proteção social, num espaço

marcado pela heterogeneidade da estrutura epidemiológica, pela ampliação da demanda e pelo agravamento das múltiplas expressões da questão social. Nesse meio, a formação para o trabalho das diversas profissões é marcada pelo encontro/confronto com diversas lógicas, saberes e temporalidades.

Essa contínua dinâmica de [re] convocação de saberes presentes nesse meio, coloca em discussão as clássicas dicotomias que separam teoria e prática, formação e trabalho, unidade de ensino e campo de estágio. Esse estudo teve o intuito de entender, refletir e analisar como essas cristalizações que as separam erigem muros que impedem a compreensão das múltiplas relações indissociáveis entre os saberes disciplinares, o *corpus* de saberes da profissão e as múltiplas [re]convocações de saberes que têm lugar nesse espaço de assistência e formação, posto que as relações sociais que aí se realizam são interdependentes e se interpenetram.

No cotidiano de trabalho, o supervisor de estágio se vê desafiado a gerir a assistência à população usuária da saúde, ao mesmo tempo que contribui na formação de estudantes-estagiários. Contudo, sob o predomínio da visão da supervisão identificada como uma atividade de mero treinamento, a atividade de trabalho do supervisor sofre um subdimensionamento que resulta no obscurecimento da relação entre experiência e conhecimento presente nessa atividade de trabalho e de formação, já que a supervisão não somente utiliza saberes mas também os constrói.

O cuidado com a saúde não se limita a uma única profissão, embora uma delas seja fundamental para o tratamento do doente. E isso

se dá porque a vida e a saúde não são objetos que podem ser circunscritos e delimitados como se fossem exclusivos ao terreno de conhecimento de uma única profissão. A saúde é um campo de trabalho e de conhecimento eminentemente coletivo que convive com um constante [re] questionamento de saberes e valores.

É preciso coragem para identificar e descortinar as potências de saberes presentes nas diversas profissões da saúde para cruzar “pontos de vista” que nos permitam encontrar sólidos caminhos na direção de mudanças, tanto no âmbito da intervenção, quanto da formação na e para a saúde. Não defendemos o particular como resposta, mas a indispensável necessidade de articulação entre geral, local, particular e singular. Contudo, essa articulação precisa se dar por meio da valorização da dimensão transversal dos saberes das diversas profissões que trabalham na saúde. O ato de circunscrever saberes válidos na vida social tem produzido mais inércia do que potência para a transformação.

O exercício de formar profissionais comprometidos com a política pública de saúde pressupõe a coragem histórica de tecer um olhar com a lupa para as tramas e os dramas presentes nesse campo marcado por diversas lógicas onde a luta pela defesa da vida está em tensão permanente com a ampliação da demanda, com a heterogeneidade da estrutura epidemiológica do país e com as múltiplas expressões da questão social que marcam a vida na sociedade moderna.

Nessa perspectiva, urge pensar formas de despertar nos futuros profissionais da saúde das diversas profissões um ponto de vista capaz de apreender as múltiplas e contraditórias

tendências do e no campo da saúde, mas sem perder de vista o desenvolvimento de competências humanas industriais capazes de gerar um trabalho coletivo sinérgico que permita enfrentar as reais necessidades mediante uma leitura coletiva e resolutiva de reservas de alternativas dos e nos territórios da saúde.

## REFERÊNCIAS

1. Minayo MCS. O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-ABRASCO; 1996. p. 9-18.
2. Canguilhem G. Meio e normas do homem no trabalho. *Pro-Posições*. 2005; 12;2-3(35-6):109-21.
3. Joazeiro EMG. Estágio supervisionado: experiência e conhecimento. Santo André (SP): ESETec; 2002.
4. Joazeiro EMG. Supervisão de estágio: formação, saberes, temporalidades. Santo André (SP): ESETec; 2008.
5. Schwartz Y. Trabalho e uso de si. *Pro-Posições*. 2000a;11,2(32):34-50.
6. Schwartz Y. Construction du métier et socratisme à double sens. In: Schwartz Y. *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe*. Toulouse: Octares; 2000b. p. 60-5.
7. Schwartz Y. Disciplina epistêmica, disciplina ergológica. *Paideia e politeia*. *Pro-Posições*. 2002;13,1(37):126-49.
8. Schwartz Y. Transmissão e ensino: do mecânico ao pedagógico. *Pro-Posições*. 2005;16,3(48):229-44.
9. Rosa MI. Usos de si e testemunhos de trabalhadores: com estudo crítico da sociologia industrial e da reestruturação produtiva. São Paulo: Letra & Letras;2004. p. 123-96.
10. Schwartz Y. *Expérience et connaissance du travail*. Paris: Éditions Sociales; 1988. p. 523-75.
11. Canguilhem G. Introdução. In: Canguilhem G. *O normal e o patológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995. p. 15-7.
12. Canguilhem G. *Escritos sobre a Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2005. p. 11-22.
13. Duraffourg J. Um robô, o trabalho e os queijos: algumas reflexões sobre o ponto de vista do trabalho. In: Dieese, organizador. *Emprego e desenvolvimento tecnológico: Brasil e contexto internacional*. São Paulo:CNPq, FAT, SEFOR/Mtb; 1998. p. 123-44.
14. Schwartz Y. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação & Sociedade*. 1998;19(65):101-39. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301998000400004&lng=en&nr\\_m=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000400004&lng=en&nr_m=iso&tlng=pt).
15. Tréde M. *Kairós l'á-propos et l'occasion: le mot et la notion, d'Homère à la fin du IVe.Siècle avant JC*. Paris: Éditions Klincksieck; 1992. p. 15-21.
16. Schwartz Y. Un dispositif dynamique à trois pôles. In: Schwartz Y. *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe*. Toulouse: Octares; 2000b. p. 86-105.
17. Schwartz Y. Trabalho e educação. *Presença Pedagógica*. 2001;7(38):5-17.
18. Brasil. Lei no 3252 (1957). Regulamenta o exercício da profissão de assistente social. Brasília: Presidência da República; 1957. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128729/lei-3252-57>.
19. Brasil. Lei nº 8.662 (1993). Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências, Brasília, DF: Presidência da República; 1993. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/127629/lei-8662-93>.
20. CFESS (Brasil). Resolução nº 383 (1999). Caracteriza o assistente social como profissional da saúde. Brasília, DF: CFESS; 1999. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/arquivos/resolucao\\_383\\_99.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/resolucao_383_99.pdf).
21. CFESS (Brasil). Resolução nº 533 (2008). Regulamenta a supervisão direta de estágio no Serviço

- Social. Brasília, DF: CFESS; 2008. Disponível em <http://www.cress16.org.br/acervo/Resolucao-533.pdf>.
22. Brasil. Lei nº 6494 (1977). Dispõe sobre o estágio de estudantes de ensino superior, do ensino profissionalizante de segundo grau e supletivo. <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/104850/lei-6494-77>.
23. Brasil. Lei no 11.788 (2008). Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da CLT. Brasília, DF: Presidência da República; 2008. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/93117/leido-estagio-lei-11788-08>.
24. Elias N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994. p. 13-60.
25. Iamamoto MV. Renovação e conservadorismo no Serviço Social. 6. ed. São Paulo: Cortez; 2002. p. 193-207.
26. Martinelli ML. Serviço Social em hospital-escola: um espaço diferenciado de ação profissional. *Serviço Social & Saúde*. 2002;1(1):1-11.
27. Canguilhem G. Exames críticos de alguns conceitos: do normal, da anomalia e da doença, do normal e do experimental. In: Canguilhem G. O normal e o patológico. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995. p. 95-117.
28. Schwartz Y. Do desvio teórico à atividade como potência de convocação dos saberes. *Serviço Social & Saúde*. 2007;6(6):1-19.
29. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra; 1999. p. 52-101.
30. Durrive L, Schwartz Y. Glossário da Ergologia. *Laboreal*. 2008;4(1):23-8. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/abstracto.php?id=37t45nSU5471123959:15912771>
31. Santos M, et al. Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. São Paulo: DP&A Editora; 2006. p. 13-21.
32. Schwartz Y. Le travail comme expérience et les critères du taylorisme. In: Schwartz Y. Le paradigme ergológico ou un métier de Philosophe. Toulouse: Octares; 2000b. p. 333-57.
33. Schwartz Y. Intervenir dans la vie des autres. Actes du Colloque EDF: Le nucléaire et l'homme; 2002 OCT. 09-10; Paris, France. Paris : EDF; 2003. p. 1-14. Disponível em: [http://www.comprendre-agir.org/images/fichier-dyn/doc/2007/intervenir\\_dans\\_la\\_vie\\_des\\_autres\\_schwartz\\_edf\\_chsct.pdf](http://www.comprendre-agir.org/images/fichier-dyn/doc/2007/intervenir_dans_la_vie_des_autres_schwartz_edf_chsct.pdf).
34. Elias PE. Estrutura e organização da Atenção à Saúde no Brasil. In: Cohn A, Elias PE. Saúde no Brasil: política e organização de serviços. São Paulo: Cortez; 1996. p. 57-117.
35. Elias PE. Por uma refundação macropolítica do SUS: a gestão para a equidade no cotidiano dos serviços. *Saúde Soc*. 2002 Jul;11(1):25-36. Disponível [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902002000100005&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902002000100005&lng=en&nrm=isso).
36. Merhy EE. Perspectivas atuais do SUS e o agir tecnológico do trabalhador como um ato ético-político. *Serviço Social & Saúde*. 2004;3(3):1-11.

Artigo apresentado em: 14/02/2011

Aprovado em: 15/03/2011